

INTERVENÇÃO do camarada

ALVARO CUNHAL

no

1º grande comício da U.E.C.

em lisboa

Camaradas:

É com profunda alegria que aqui me encontro entre vós, estudantes comunistas, justamente orgulhosos do vosso passado, justamente seguros do vosso presente, justamente confiantes no futuro- o futuro de democracia e paz que estamos empenhados em edificar em Portugal.

Nos duros anos do fascismo, os estudantes travaram um pertinaz combate contra a ditadura. Aqui presto homenagem ao grande e corajoso movimento dos estudantes pelo valoroso papel que desempenhou na luta contra a ditadura fascista.

Aqui presto homenagem aos estudantes comunistas, que estiveram sempre na vanguarda da luta estudantil, que souberam defrontar dignamente os perigos, as perseguições, as cargas policiais, a prisão, a tortura e as condenações, que, com a sua abnegação e o seu exemplo, contribuíram para o desenvolvimento do movimento estudantil, para o desenvolvimento da luta do nosso povo e para que hoje a organização dos estudantes comunistas, pela sua força organizada, a sua influência e o seu prestígio, seja a grande realidade política nas escolas portuguesas.

É pois com a maior alegria que trago à União dos Estudantes Comunistas, a UEC, as saudações de combate do Partido Comunista Português.

Permiti também que, por vosso intermédio, saude todos os estudantes portugueses, reafirmando-lhes que podem contar hoje, como sempre contaram, com o nosso activo apoio às suas justas reivindicações e direitos.

Camaradas:

O derrubamento da ditadura fascista e a instauração das liberdades essenciais representam uma mudança radical da situação política portuguesa.

Perante tal mudança, seria um erro capital o imobilismo político do movimento estudantil, o imobilismo dos estudantes comunistas.

Todos sabemos que existem estudantes, (drogados com conceitos a um tempo anticomunistas e pseudo-revolucionários) que repetem hoje, como repetiam no tempo do fascismo, as mesmas consignas, as mesmas palavras de ordem, as mesmas formas de intervenção (chamemos-lhe assim) na vida política. Esse imobilismo mostra, só por si, que têm os olhos fechados para a vida, que nada compreendem do que se passa à sua volta, que estão completamente à parte dos interesses, dos anseios, das aspirações, dos objectivos das massas populares. Não somos nós que os marginalizamos. São eles próprios que se marginalizam pela sua errada política.

A situação mudou. Isso significa que os objectivos imediatos, os métodos de organização, as formas de luta, têm também necessariamente de mudar.

Dantes nada havia a perder e tudo havia a ganhar. Agora continua é certo a haver todo um mundo a ganhar, mas há também alguma coisa de importante que se ganhou e que não queremos que se perca: a liberdade.

Não é ainda a liberdade com todo o seu profundo conteúdo social e político, como nós a entendemos. A liberdade actual tem ainda os contornos mal definidos e está ainda condicionada por desigualdades económicas e sociais, que afectam o seu exercício, por muitos diversos condicionalismos sociais e até por decisões administrativas. Em nenhum dos meios de informação, os comunistas têm de facto igual oportunidade de exercício da liberdade. Mas, como se sabe, são ainda numerosas as reservas e discriminações em relação ao PC. Mas, mesmo com esse condicionalismo, as liberdades alcançadas têm um valor incalculável para o prosseguimento da luta de libertação do nosso povo.

Estamos certos de que os estudantes comunistas e a grande maioria dos estudantes tudo farão para defender a liberdade, para consolidá-la, para alargá-la, para não mais perdê-la.

Não são só as organizações políticas que beneficiam dessa liberdade. As formas de organização de mas as têm hoje amplas possibilidades de desenvolvimento.

Antes, o movimento democrático dos estudantes era ferozmente perseguido pela ditadura. O governo fascista impedia a gestão democrática das associações, proibia quaisquer formas federativas, demitia direcções, processava e expulsava alunos, ordenava espancamentos, prendia e torturava os melhores lutadores do movimento associativo.

Hoje, as associações podem funcionar livremente, dirigidas e geridas pelos estudantes, e a grande federação das associações - a UME - , (pela qual os estudantes lutaram tantos anos) está em vias de criar-se. A criação e reconhecimento da UME representa finalmente uma grande vitória do movimento associativo dos estudantes indissoluvelmente ligada às grandes vitórias do povo aliado às forças armadas. Eu vos felicito calorosamente camaradas, por essa magnífica vitória.

Os tempos de não só aproveitar mas saber aproveitar as novas possibilidades.

As massas estudantis, que lutaram tantos anos pelo seu movimento associativo democrático, têm hoje esse movimento libertado da repressão e apoiado e ajudado pelo próprio governo.

As massas estudantis não podem permitir que o espírito aventureiro e anarquista comprometa os direitos e liberdades por que tanto lutaram. Os que nada aprendem com a vida e continuam a fazer provocações nas escolas e nas associações que parecem querer a intervenção das forças policiais, que querem se manter um ambiente de indisciplina nas escolas, que não lutam contra a reacção fascista, mas contra as forças armadas, contra o Governo Provisório, contra as forças democráticas e antes de tudo contra o PEU, não servem os interesses dos estudantes, nem os interesses do povo português. Com a sua actuação irresponsável, apenas servem os interesses da reacção. É necessário impedir que a actuação irresponsável desses elementos possa fazer perigar as liberdades e direitos tão dificilmente alcançados.

Nas escolas o problema da disciplina e da ordem coloca-se hoje de forma totalmente diversa daquela que se colocava no tempo do fascismo. Bantes os estudantes lutavam contra a ordem e a disciplina, porque era a ordem e a disciplina fascistas. Hoje, continuando a reagir justamente contra quaisquer arbítrios e prepotências, os estudantes participando na luta complexa da construção de novas estruturas democráticas, participando na criação de uma ordem democrática, os estudantes estão interessados em respeitar e defender essa ordem que a reacção e o fascismo (esses sim) querem comprometer, pôr em causa e destruir.

Nem um momento se pode esquecer que as tarefas prioritárias na situação actual são o fim da guerra colonial, a defesa e consolidação das liberdades, a anulação de quaisquer tentativas contra-revolucionárias, o prosseguimento do processo de democratização até à realização das eleições para a Assembleia Constituinte.

Queremos advertir que o fim da guerra colonial não será tarefa fácil. A grande questão é que não poderá haver paz se não fôr de facto reconhecido e respeitado o direito dos povos à autodeterminação e à independência e que não poderá haver uma solução política que não signifique o real abandono de pretensões colonialistas e neo-colonialistas. A gravidade do problema exige que se abra com urgência o "debate franco e aberto, a nível nacional" previsto pelo programa do Movimento das Forças Armadas.

Queremos também sublinhar que a solução do problema não se aproxima com frases exaltadas e incendiárias. Indispensável, por um lado, a inabalável firmeza nas posições de princípio e, por outro lado, a maleabilidade e a extrema atenção no exame das questões que diariamente se colocam, nas formulações, nas palavras de ordem, mesmo na linguagem.

Comaradas:

Penho de ficar por aqui. Faço ardentes votos por grandes êxitos na actividade da União dos Estudantes Comunistas e do movimento estudantil em geral.

Viva a União dos Estudantes Comunistas!

Viva o Partido Comunista Português!

Viva a Unidade dos Estudantes Portugueses na luta pela liberdade e o fim da guerra colonial, na luta pela instauração em Portugal dum regime democrático escolhido pelo próprio povo!

Lisboa, 7 de Junho de 1974

11/11/74
M. L.